

ESPECIAL CAFÉ

NOVO CENÁRIO, MAS COM MANUTENÇÃO DO CORRETO



SILAS BRASILEIRO
Presidente executivo do Conselho Nacional do Café (CNC)

Em 2019, celebramos a 14ª edição do Caderno Café, em parceria com a Fundação Getulio Vargas (FGV), e vivemos o primeiro ano de uma nova gestão no nosso País, apresentando outras diretrizes e posicionamentos.

Nesse cenário de alterações, temos de ser equilibrados e racionais, mantendo as positividades que geram retorno, como, no exemplo da cafeicultura, os investimentos em pesquisa, que, nos últimos vinte anos, somaram R$ 200 milhões e prepararam os produtores para momentos como o de crise de preços pelo qual passamos.

Investir para aumentar a produtividade e baixar custo foi o caminho que adotamos como representantes da produção brasileira de café. Olhamos para os preços praticados pelo mercado sim, mas com foco em sermos competitivos, com base em custos, produtividade e qualidade.

O mercado responderá, e sairemos fortalecidos da crise, visto que somos um país que tem política para o setor. Por meio do Conselho Deliberativo da Política do Café (CDPC), esse alicerce criado por nós no sentido de aproximar a cadeia de café surtirá efeito na prática do dia a dia.

O CDPC, composto pela iniciativa privada e pelo Governo, tem como objetivo unir produção, indústria e exportação para formular a política do café e, acima de tudo, preservar o Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé), o banco da cafeicultura que nos dá suporte para diminuir a concentração da oferta no momento da colheita e distribuir o produto ao longo de doze meses.

São R$ 6 bilhões à disposição da cafeicultura por meio das cooperativas de crédito e de outros agentes financeiros, com baixa taxa de juros. Aliás, a tendência de redução na aplicação dos juros nos dá oportunidade para tomar recursos de outras instituições, como bancos oficiais e privados, que, hoje, investem no café por acreditar que ele é um investimento seguro.

Vivemos um momento com inflação baixa e disponibilidade de recursos, o que nos torna extremamente competitivos. Participamos com 35% do mercado mundial, e nenhum país pode comparar o seu custo de produção ao do Brasil.

Investimos na qualidade do nosso café! Produzimos café de qualidade para atender qualquer exigência do mercado consumidor.

Temos o nicho de cafés especiais, a evolução do solúvel na abertura de novos mercados, o comércio ativo por meio das cooperativas e dos exportadores, o consumo interno em crescimento contínuo pelo trabalho permanente da indústria de torrado e moído no sentido de aprimorar a qualidade e

a fiscalização e o *barter* e as travas para vendas futuras, que garantem renda para os produtores.

Esse é um Brasil competitivo e que desponta como uma nação atrativa para investidores internacionais, pois tem um governo sério que trabalha e inspira confiança para o mercado ávido por aplicar recursos no País.

Tivemos a aprovação pelo Congresso da reforma da previdência e da Medida Provisória nº 881/19, a MP da Liberdade Econômica, que flexibiliza a geração de emprego e a oportunidade de criação de pequenas empresas. A seguir, a reforma tributária levar-nos-á a acreditar na solidez do nosso País, atraindo – reafirmamos – a confiança do mercado internacional com investimentos substantivos no Brasil.

Como braço operacional do cooperativismo brasileiro de café, quando vemos as perspectivas de aumento do consumo, afirmamos que temos competência para suprir o mercado, seja qual for a sua necessidade, pois as cooperativas estão prontas para atender qualquer volume da demanda. Além disso, os agentes financeiros estão prontos para, caso necessário, financiar o setor com recursos para custeio, estocagem, para, enfim, apoiar a produção.

O momento atual é de uma crise aguda em nível mundial, pois os preços aviltados levam-nos, às vezes, a tomar medidas imediatistas que, em vez de beneficiar os nossos produtores, podem beneficiar os demais países que produzem café – isso em razão de estes não terem uma política cafeeira como no Brasil.

Somos sustentáveis, temos qualidade e, embora os preços no momento não sejam remuneradores, podemos antever que permaneceremos no mercado.

Teremos equilíbrio entre oferta e demanda devido à baixa safra de 2019 e ao comprometimento com a produção em 2020, em razão dos baixos tratos culturais e da condição climática adversa. Isso nos faz crer que a próxima colheita se enquadrará dentro da média da nossa produção; isso sem levar em consideração os baixos estoques brasileiros.

Por essas considerações, acreditamos que a cadeia de café poderá transpor este momento e já podemos antecipar que o fim da crise está muito próximo. Acreditamos na competência dos nossos produtores e no apoio do Governo na superação dos desafios que estamos vivenciando.

O momento atual leva-nos a uma reflexão e à certeza de que as propostas devem partir dos segmentos que integram a cafeicultura, que monitoram e vivem a realidade de cada setor, e, como fortalecimento, devem contar com o apoio dos nossos parlamentares. Um abraço e ótima leitura!

FORTALECIMENTOS INTERNO E EXTERNO DOS CAFÉS SOLÚVEIS DO BRASIL



AGUINALDO LIMA
Diretor de Relações Institucionais da Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (ABICS)

Desde 2018, quando assinou um projeto setorial com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), a ABICS intensificou a sua ação institucional para alavancar as exportações do setor e incentivar um maior consumo interno da bebida.

O primeiro fruto colhido foi a criação de uma marca "Crie & Curta – Cafés Solúveis do Brasil" ("Explore & Enjoy – Instant Coffee Brazil"), que foi desenvolvida após um trabalho de *branding* voltado para inteligência de mercado, defesa de interesses, certificações internacionais e materiais promocionais e de comunicação.

A criação dessa identidade fortaleceu a imagem dos cafés solúveis brasileiros mundialmente, e, por meio de um ranqueamento de países-alvo, ampliou-se a promoção e a participação em mercados tradicionais, além de se abrirem novas fronteiras ao produto nacional.

Resultado: o Brasil quebrará recorde na exportação de café solúvel em 2019, remetendo 4,00 milhões de sacas ao exterior, superando a marca de 2016, até então histórica, de 3,87 milhões de sacas embarcadas.

Essa projeção embasa-se no fato de, nos dez primeiros meses deste ano, termos exportado 3,34 milhões de sacas, com alta de 9,5% na comparação ao mesmo período de 2018 e de 4,2% sobre 2016.

Voltando os olhos ao mercado interno, a ABICS realizou, em 2019, cinco "Cuppings de Café Solúvel" para padronizar a classificação da bebida. As atividades, coordenadas pela consultora Eliana Relvas e com a participação de industriais

e pesquisadores, visam alcançar o máximo conhecimento sobre os atributos dos mais diversos tipos de café solúvel.

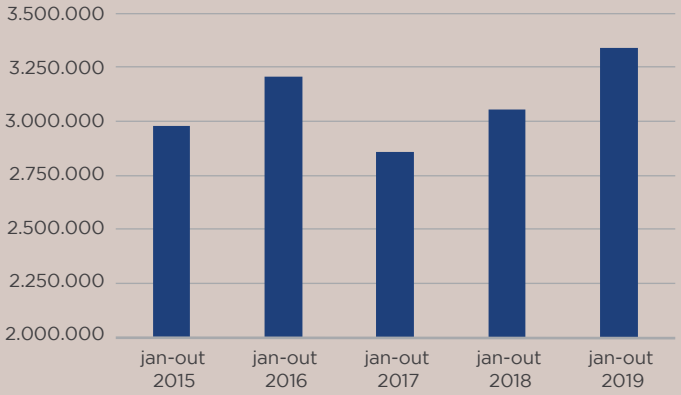
Alcançamos respostas para perguntas como: é possível ter um amplo processo de classificação para os solúveis? Existem categorias explicitamente diferenciadas para o consumidor? Como preparar corretamente para obter os melhores resultados nas xícaras? Quais são as temperaturas e os volumes ideais de água e os principais atributos a ser valorizados?

Existe uma classificação ampla de categorias de qualidade, métodos de preparo e atributos discutidos profundamente para cafés torrados e moídos e para os verdes. Considerando o aumento do consumo no Brasil, o conhecimento sobre o solúvel se tornou uma necessidade para o crescimento do setor, e a ABICS investe nesse sentido.

A conclusão dos trabalhos para a criação de uma inédita e comum metodologia de análise sensorial para o café solúvel gerará referências até então existentes, mas não padronizadas, pois cada indústria possui os seus próprios procedimentos.

Diante disso, fizemos os investimentos e, agora, temos condições para avaliar com excelência os diversos tipos de café solúvel do Brasil e do mundo, aperfeiçoando o produto na conquista de mais consumidores.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉS SOLÚVEIS
(MILHÕES DE SACAS)



O Brasil se mantém líder mundial em produção e exportação de café solúvel e sempre será vanguarda quando se pensa em investimentos para o aprimoramento de cada segmento da cafeicultura.

Com a imagem e a marca institucional das indústrias do setor, a ABICS permanecerá hasteando a sua bandeira para fortalecer a liderança global do Brasil, sob a égide de que "a nação do café" também é "a nação do café solúvel".

RECORDES DE PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE CAFÉ NÃO REFLETEM REMUNERAÇÃO DOS CAFEICULTORES





BRENO PEREIRA DE MESQUITA
Presidente da Comissão Nacional de Café da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

MACIEL ALEOMIR DA SILVA
Coordenador de Produção Agrícola da CNA

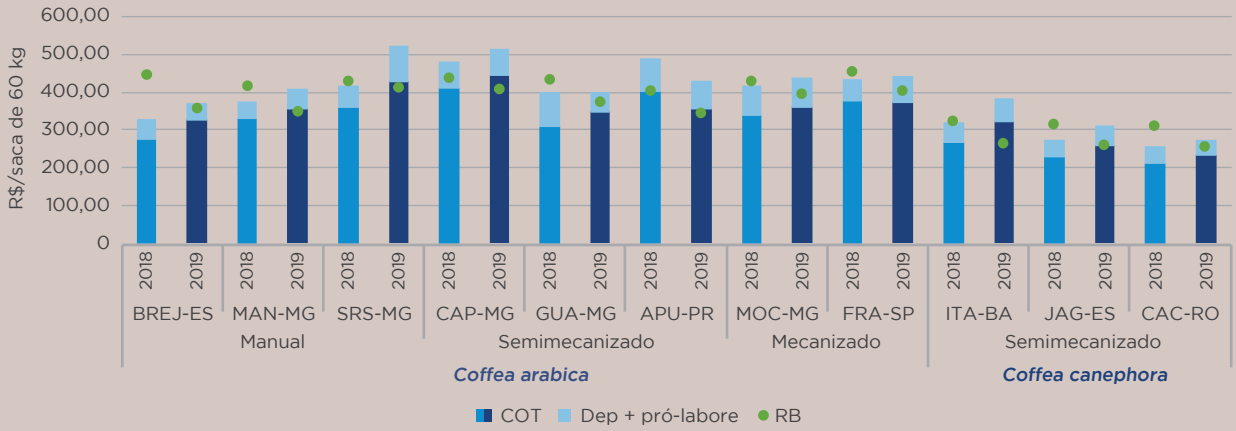
A cafeicultura brasileira tem ampliado significativamente o seu desenvolvimento tecnológico para que possa aumentar os níveis de produtividade e se tornar mais competitiva. Esses resultados podem ser verificados com a expansão da produção nos últimos anos, acompanhada da redução da área produtiva. Os recordes são recorrentes, como o de produção vivenciado em 2018 e, possivelmente, o de exportação esperado para 2019. No entanto, os indicadores técnicos e econômicos apontam que a remuneração financeira dos cafeicultores não tem sido digna de recordes. Em crise financeira, a base da cadeia produtiva vive um dos seus piores momentos e nos faz questionar até quando o pilar econômico da sustentabilidade estará de pé.

O projeto Campo Futuro, da CNA em parceria com o Centro de Inteligência em Mercados da Universidade Federal de Lavras (CIM/UFLA), analisou os dados de custo de produção das principais regiões produtoras de *Coffea arabica e Coffea canephora* do Brasil, que apontam para a descapitalização da cafeicultura brasileira em 2019.

Nas regiões produtoras de *Coffea arabica,* verificou-se, em julho de 2019, um Custo Operacional Total (COT) médio de R$ 433,05/saca. Nesse mesmo período, o preço médio de venda foi de R$ 374,17/saca, 13,6% inferior ao COT, o que resultou em uma Margem Líquida média (ML) de -R$ 58,87/saca.

COMPARATIVO ENTRE O COT E A RB DOS MUNICÍPIOS DO PROJETO CAMPO FUTURO

(MILHÕES DE SACAS)



Nota: COT = Custo Operacional Total; Dep = depreciação; RB = Receita Bruta
Regiões: Brejetuba (BREJ-ES), Manhumirim (MAN-MG), Santa Rita do Sapucaí (SRS-MG), Capelinha (CAP-MG), Guaxupé (GUA-MG), Apucarana (APU-PR), Monte Carmelo (MOC-MG), Franca (FRA-SP), Itabela (ITA-BA), Jaguaré (JAG-ES), Cacoal (CAC-RO)

Para os produtores de *Coffea canephora,* o impacto da redução dos preços na remuneração dos cafeicultores foi ainda maior. Para o mês de julho de 2019, o COT médio foi de R$ 319,02/saca, ao passo que o preço médio de venda verificado no mesmo período foi de R$ 254,48/saca. Essa diferença resultou em uma ML de -R$ 64,53/saca.

Os números mostram que, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, a cafeicultura brasileira é fortemente dependente de mão de obra. Isso faz com que os custos de produção aumentem substancialmente ano a ano. Além disso, o incremento dos gastos com fertilizantes e defensivos – que são, na sua maioria, importados e influenciados pela desvalorização do real – também contribui para esse aumento de custo.

Somado ao crescimento constante dos custos, o processo de descapitalização dos produtores está sendo intensificado pela queda contínua dos preços no mercado internacional, o que tem se refletido fortemente no mercado interno, com o agravante das incertezas promovidas pelas oscilações cambiais, bem como com a ausência de ações de incentivo ao consumo no mercado internacional.

A fim de amenizar os impactos sobre os produtores e promover o desenvolvimento sustentável da cafeicultura, a CNA e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) buscam constantemente o desenvolvimento e a ampliação de programas de assistência técnica e gerencial das propriedades de café. No entanto, o comportamento do preço no mercado internacional impede grandes avanços nos resultados econômicos, mesmo com as ações de aumento de competitividade e eficiência e de redução de custos.



DE OLHO NA CHINA




MARCOS ANTONIO MATOS
Diretor-geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CECAFÉ)

EDUARDO HERON SANTOS
Diretor técnico do CECAFÉ

Enquanto a guerra comercial entre os EUA e a China não chega ao fim, o mercado de *commodities* continua sendo impactado com a grande volatilidade de preços, causada pelas incertezas de um eventual acordo "fase 1" ainda em 2019. Segundo os analistas de mercado, os americanos continuam avaliando com cautela as propostas apresentadas por Pequim, e a conclusão das negociações dá sinais de que o acordo poderá ser adiado para 2020.

Entretanto, os chineses continuam ávidos por importar do agronegócio brasileiro. Tal afirmação pode ser observada nas aquisições realizadas nos últimos cinco anos, que saltaram de US$ 22,1 bilhões, em 2014, para US$ 35,4 bilhões, em 2018, representando um aumento de 60,2% e um acréscimo de US$ 13,4 bilhões na balança comercial brasileira.

Na comparação entre 2017 e 2018, os chineses aumentaram em 33,1% as compras do agronegócio brasileiro, passando de US$ 26,6 bilhões para US$ 35,4 bilhões, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (SECEX/ME). Mesmo com a continuidade da guerra comercial com os EUA, a China mantém a sua participação na balança comercial em cerca de 31,8% de janeiro a outubro.

Com relação às exportações do café brasileiro e ao consumo do produto na China, as expectativas são bem positivas! Estimativas não oficiais indicam que a população chinesa consome cerca de 4,5 bilhões de xícaras de café por ano com a sua população de 1,4 bilhão de habitantes. Como referência, os norte-americanos consomem 130 bilhões de xícaras com os seus 325 milhões de habitantes.

Esse potencial de consumo do mercado chinês tem proporcionado uma disputa interessante na ampliação de *market share* entre Luckin Coffee e Starbucks.

Segundo os resultados do terceiro trimestre de 2019 (terminado em setembro), a chinesa Luckin Coffee aumentou em 209,5% o número de lojas no país, passando de 1.189 para 3.680 estabelecimentos na comparação ao mesmo período de 2018, projetando encerrar o ano civil com 4.500 cafeterias.

Já a Starbucks elevou, em média, cerca de 26% a.a. o número de estabelecimentos nos últimos dez anos e possui, atualmente, cerca de 4.125 lojas no país, projetando alcançar 6.000 até 2022.

Quanto às exportações brasileiras de café para a China, os embarques para o país aumentaram 161,1% nos últimos cinco anos, passando de 68,7 mil sacas para 179,3 mil, ocupando, em 2018, o 30º lugar nos destinos dos cafés do Brasil e gerando uma receita cambial de US$ 29,6 milhões.

É importante ressaltar que as importações chinesas de café não crescem apenas em volume.

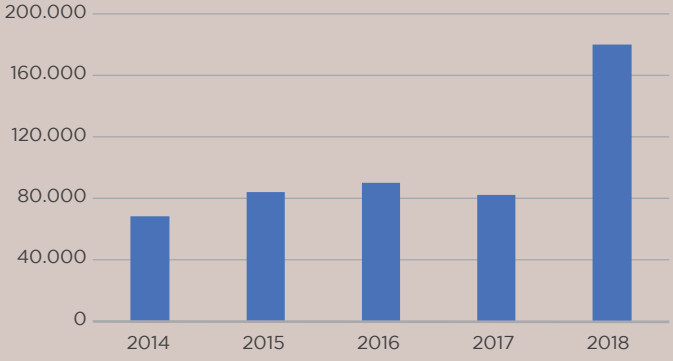
Conforme apresentado no jantar de gala da Swiss Coffee Trade Association (SCTA) em Basel (na Suíça), em outubro deste ano, o aumento das importações chinesas na última década foi acompanhado pelo incremento das compras de café

EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO PARA A CHINA

ANO CIVIL	US$ bilhões	Part. % nas exportações do agro
2014	22,1	22,8
2015	21,3	24,1
2016	20,8	24,5
2017	26,6	27,7
2018	35,4	35,0
2019*	25,5	31,8

*Janeiro a outubro
Fonte: SECEX/ME

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ PARA A CHINA



Fonte: CECAFÉ

Arábica brasileiro, em maior escala, e, também, da Colômbia, em detrimento das importações de café Robusta do Vietnã.

Tal fato demonstra uma crescente sofisticação dos hábitos de consumo dos chineses, o que promove ainda mais oportunidades ao café brasileiro.

Esses resultados da comercialização e do consumo de café na China são bem animadores, e o governo chinês tem regularmente destacado a importância do café do Brasil como um dos principais produtos do agronegócio brasileiro de interesse daquele país.

Como segunda potência econômica mundial, a China é a primeira exportadora mundial e a maior detentora de reservas cambiais do mundo, tendo registrado um crescimento de 6,6% do seu Produto Interno Bruto (PIB) em 2018.

Tendo a China uma população estimada de 1,4 bilhão de pessoas e cerca de 600 milhões situados na classe média-alta, segundo dados apresentados na 8ª edição do Coffee Dinner & Summit da Câmara de Comércio Brasil-China (CCBRC), o setor brasileiro tem grandes oportunidades e desafios, devendo estar cada vez mais preparado para atender a crescente demanda chinesa com a qualidade e a sustentabilidade dos nossos cafés.

DIFERENCIANDO O VERDADEIRO CAFÉ ESPECIAL



VANUSIA NOGUEIRA
Diretora executiva da Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA, na sigla em inglês)

Em um mercado competitivo como o cafeeiro, os consumidores vivem o desafio de encontrar sua marca preferida. Atualmente, porém, o *challenge* cresceu devido ao uso distorcido de termos como "especial" e "*gourmet*" em embalagens com produtos que não possuem essas qualificações.

A utilização indevida tem causado confusão aos consumidores, pois há cafés convencionais sendo rotulados como "especiais" e "*gourmet*" e vendidos, contudo, ao preço do que realmente são: tradicionais. Os convencionais são próprios ao consumo e não fazem mal, mas estão muito aquém da excelência dos verdadeiros cafés especiais.

Representando institucionalmente o segmento nas esferas nacional e mundial, a BSCA impôs-se a obrigação de facilitar a identificação dos verdadeiros produtos dotados de excelência e criou o Selo de Qualidade BSCA.

É uma certificação complexa, rigorosa e automatizada, desde a entrada da amostra e a avaliação por profissionais criteriosamente selecionados, passando pela emissão e pelo controle, até chegar aos envios.

Tal Selo assegura ao consumidor que o café que ele está consumindo é, de fato, especial e traz mais reconhecimento e credibilidade aos produtores brasileiros em relação à sustentabilidade, sendo o único a atestar o produto do plantio ao consumo e, portanto, singular para a identificação de um café especial.

O primeiro passo para o produtor requerer o Selo de Qualidade BSCA é a certificação da propriedade, a qual garante que o café foi produzido dentro dos pilares ambientais, sociais e econômicos corretos.

A certificação garante uma produção sustentável, mas não avalia ou garante que o perfil sensorial final seja satisfatório. Contudo, quando se cuida dos processos, as chances de se ter um café de qualidade sempre aumentam. É nessa etapa que entra a BSCA, para ajudar o produtor no processo de qualidade do grão.

Em um rigoroso processo, a Associação recebe as amostras dos associados certificados e as analisa quanto a tipo, cor, aspecto, peneira e torra para cafés crus e bebida limpa, doçura, acidez, corpo, sabor, gosto remanescente e balanço geral para cafés torrados e moídos. Para obter o Selo, o café deverá obter pontuação igual ou superior a oitenta pontos (escala de zero a cem) e não apresentar nenhum parâmetro igual a zero. Se reprovada, é invalidada.

Um café de gôndola só é verdadeiramente especial se tiver o Selo de Qualidade BSCA na sua embalagem, trazendo, no seu corpo, não só sabor, *after taste* e todos os atributos intrínsecos a essa bebida extremamente prazerosa e diferenciada, mas, principalmente, a rastreabilidade do produto – também com auditorias de avaliação aleatória de cafés adquiridos em pontos de venda –, apresentando a sua origem única e a história sustentável de produtores, propriedades e famílias exemplares no cultivo do fruto! E o consumidor tem acesso a isso tudo por meio do QR *code* do Selo. ■

A ***Agroanalysis*** agradece a participação e a colaboração de Paulo André C. Kawasaki, coordenador da Assessoria de Comunicação do CNC.